



Mulheres em Letras

Jornal do Grupo de Estudo Letras de Minas

Índice

Leia a crônica da historiadora e bolsista do CNPq, Luana Diana dos Santos, e os poemas de Maria Teresa Horta na

página 2

Conceição Evaristo, Sylvia Plath, Florbela Espanca, Clarice Lispector e Zilah Corrêa de Araújo são algumas autoras estudadas pelo grupo Letras de Minas que você poderá conhecer nas

páginas 3 e 4

A escritora Helena Jobim, irmã do conhecido compositor Tom Jobim, é a primeira entrevistada do jornal *Mulheres em Letras*. Conheça essa carioca que adotou Belo Horizonte na

página 5

Cristiane Côrtes, mestre em Literatura pela UFMG, publica um resumo de sua dissertação: "Viver na fronteira: a consciência da intelectual diaspórica em *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves" na

página 6

Mulheres em Letras chegou!



Cláudia, Rosário, Fátima, Isabella, Vera, Lúcia, Gerlane, Constância, Inês, Cristiane, Iara, Kelen e Aline

A publicação que ora vem a público, no formato de Jornal, é fruto do trabalho e do entusiasmo de um grupo muito especial de estudantes da pós-graduação em Letras da UFMG.

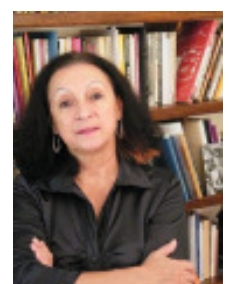
Não satisfeitas em se reunir periodicamente para discutir artigos científicos, textos acadêmicos e planejar colóquios literários e outras atividades, elas decidiram fazer como outras mulheres - inclusive de tempos recuados, que fundaram jornais em condições as mais adversas - e também criaram um periódico: o seu periódico!

A origem deste grupo tão especial data de 2006, quando ofereci a disciplina "Estudo de Escritoras Mineiras", na Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários, da UFMG. Depois, vieram outras disciplinas, as reuniões de trabalho, e os laços da amizade se fortaleceram e não nos perdemos mais de vista.

Para formalizar a produção que vem sendo realizada desde então, sempre relacionada às linhas de pesquisa "Literatura, História e Memória Cultural" e "Literatura e Ex-

pressão da Alteridade", o grupo foi cadastrado junto ao CNPq, e é aí conhecido como Grupo de Pesquisa Letras de Minas.

O jornal *Mulheres em Letras* será, portanto, segundo suas mentoras, um espaço legítimo de debate e de divulgação de trabalhos acadêmicos. A proposta inicial é que ele circule de quatro em quatro meses: em abril, agosto e dezembro. E contenha sempre informes sobre teses, dissertações, resenhas de livros e de filmes, entrevistas e também artigos, que possam interessar a estudantes, pesquisadores e professores ligados na temática da mulher na literatura. Ou da mulher e da literatura, como queiram. 🌸



Constância Lima Duarte é professora da Faculdade de Letras da UFMG e coordenadora do Grupo de Pesquisa Letras de Minas

Da difícil arte de ser poeta e escritora

Tomei gosto pela leitura ainda criança. Fui influenciada pelo meu pai, um leitor voraz que lia qualquer coisa, desde jornal velho até bula de remédio. Lembro como se fosse hoje do dia que ele chegou em casa com uma coleção de livros infantis - "Chapeuzinho Vermelho", "O Gato de Botas", "Rapunzel", "A Bela e a Fera" e "A Bela Adormecida". Acho que foi um dos poucos presentes que eu e meus irmãos ganhamos quando criança.

Sempre admirei os escritores e os poetas. Pensava que eles eram as pessoas mais inteligentes do mundo. Achava chique escrever livros, dar entrevistas nos programas da Rede Minas, aparecer nos jornais, ser homenageado depois de morto.

Na escola sempre tirava boas notas nas produções de textos. Cheguei a ganhar um concurso de redação. Paco, meu Professor de Filosofia na oitava série, até prometeu mandar para o saudoso Roberto Drummond um texto que escrevi. Não sei o que me deixou mais feliz: a promessa que ele havia feito ou saber quem era o Roberto Drummond.

Ficava me indagando se um dia poderia me tornar uma escritora ou uma poetisa famosa. Certa vez escrevi um poema. Amei, achei lindo. Já que havia escrito um, poderia escrever quantos eu quisesse e ter um livro só meu. Finalmente daria uma entrevista para a Leda Nagle. Pensei na dedicatória e nos agradecimentos. Fiquei treinando os autógrafos: "Para fulana de tal, com carinho. Belo Horizonte, primavera chuvosa do ano tal", ou melhor: "À querida amiga fulana de tal, companheira da vida toda. Abraços fraternos..." Pensei também no reencontro com meus amigos, certamente amigos que não via há muito tempo e apareceriam somente para o lançamento do livro.

Empolgada, fui correndo mostrar meu poema tão amado a um amigo:

- Léo, olha só o que eu escrevi. Escrevi um poema - "Angústia".

O Léo não demorou nem um minuto pra lê-lo. Assustado, foi logo perguntando:

- O que está acontecendo, Luana? O que te angustia tanto? Aconteceu alguma coisa? Você tá deprimida?

- Não, Léo! Essa angústia que eu falo no poema não é angústia de gente deprimida, é angústia da vida, do mundo, entende?! Como os poetas falam.

- Lu, apaga isso! Isso tá horrível! Isso tá triste demais!

- Poxa, Léo! Achei que ficou até bonitinho.

- Não! Apaga isso!

Fiquei péssima. Os escritores sempre falam em críticas negativas e construtivas. Dizem que alguns críticos julgam sem ao menos terem lido a obra do autor por pura vaidade, mas comigo foi demais. A crítica do Léo foi destrutiva. Hoje penso que foi até bom ele ter odiado tanto. O poema devia ter ficado ruim mesmo. Apaguei logo e não quis mais saber dessa história de ser poeta.

Ainda não desisti de escrever um livro. Quem sabe um de crônicas? 🍷

Por Luana Diana dos Santos
Historiadora e bolsista do CNPq



Expediente

Jornal Mulheres em Letras

Publicação do Grupo de Estudo Letras de Minas

Coordenadora

Constância Lima Duarte

Editora responsável

Fátima Peres

Reg.: MG 03731JP

Conselho Editorial

Constância Lima Duarte, Kelen Benfenatti Paiva, Maria Inês Marreco, Cristiane Côrtes, Fátima Peres, Cláudia Maia e Maria do Rosário A. Pereira.

Colaboradoras

Constância Lima Duarte, Cláudia Maia, Cláudia Gomes Dias Costa Pereira, Cristiane Côrtes, Helga Maria Lima da Costa, Iara Christina Silva Barroca, Isabella Fernandes Pessoa, Kelen Benfenatti Paiva, Luana Diana dos Santos, Fátima Peres, Maria do Rosário A. Pereira, Maria do Socorro Vieira Coelho, Maria Inês Marreco, Maria Lúcia Barbosa, Vera Godoi, Vera Ferreira e Aline Arrudas.

Revisão

Maria do Rosário A. Pereira

Design gráfico

Sandra Fujii (capa)

Contato

mulheresemletras@gmail.com

Tiragem

1000 exemplares

Impressão

Gráfica Silveira

*Os artigos assinados e publicados neste jornal são de inteira responsabilidade de seus autores.

*MARIA TERESA HORTA



OITO DE MARÇO

Abre-se o dia
a respirar
no corpo das mulheres
Num movimento
de voo e água
Até ao vértice
ao cume ao cimo
Ao topo e alto da vida
onde a vertigem
pode ser esplendor
Júbilo e auge
sol e água
nó e laço de luz e asa

FULGOR (1)

Tacteo à minha
volta
e é só fulgor
Tento deslumbrar
o sol que cega
Demoro-me demasiado
no calor
Para a minha sede
Nenhuma água chega

* Poetisa portuguesa contemporânea, autora de extensa obra.



Estudos da literatura de autoria feminina

Desde 2006, o grupo Letras de Minas, formado por estudiosas da literatura de autoria feminina, vem se reunindo, mensalmente, para estudar e conhecer melhor a contribuição das mulheres no campo das letras, não só de Minas Gerais como do Brasil. O jornal *Mulheres em Letras* vai publicar textos com notícias dos trabalhos realizados, para que os leitores também possam usufruir destes conhecimentos.

Conceição Evaristo

As autoras negras femininas, de um modo especial, estão sempre dispostas a olhar para trás, mesmo impelidas pelo futuro. A autora Conceição Evaristo, em várias de suas obras, faz esse movimento de recordação com o objetivo de compreender as diferenças presentes na sociedade contemporânea que tantas vezes são o motivo para o desprezo ou a indiferença para com as chamadas minorias, mulheres e negros, por exemplo.

Evaristo procura retratar as vozes marginalizadas que denunciam uma sociedade constituída a partir do silenciamento da experiência de pessoas que ocupam os lugares periféricos porque são empurradas para as margens. A figura feminina tem um especial tratamento em sua literatura, associada à continuidade

da vida, força-motriz. Seja Ponciá (*Ponciá Vicêncio*, Mazza, 2003), no movimento de busca de suas origens, que motiva toda a família a ir junto, metafórica e literalmente; seja Maria Nova, em *Becos da Memória* (Mazza, 2006), que nos revela as memórias subalternas recuperando cenas da vida na favela cheias de amor, afeto e compaixão.

Em sua mais recente publicação, *Poemas da recordação e outros movimentos*, encontramos a tônica da literatura de Evaristo: a escrevivência. Um dos poemas mais representativos da autora é "Vozes-mulheres", pois, ao juntar as vozes das suas ancestrais, a voz da sua escrita consegue, num lirismo brutal e acalentador, invocar o passado para refletir sobre as injustiças do presente, na expectativa de um futuro melhor. 🗨️

Por Cristiane Côrtes
Mestre em Literatura pela UFMG

Vozes-mulheres

*A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
(...)
A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue
(...)
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
Ontem, o hoje, o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
do eco da vida-liberdade.*

(*Cadernos negros* 13, p. 32-33)



Sylvia Plath

Florbela Espanca

As escritas de Sylvia Plath e Florbela Espanca se aproximam em suas poéticas autobiográficas, mesmo sendo escritoras que viveram em diferentes épocas, lugares e tiveram diferentes experiências de vida, e que se assemelham em relação à temática utilizada em suas obras.

Podemos considerar que Sylvia Plath e Florbela Espanca apresentam algumas semelhanças em suas maneiras de viver e de morrer. Os trabalhos literários de ambas se parecem em seus variados gêneros que vão

desde diários a correspondências, da prosa à poesia, em uma escrita que permite ao leitor perceber as várias máscaras das escritoras. De um lado um querer dizer através do silêncio existente na linguagem, e de outro lado o uso da palavra como forma de expressão.

Muitas vezes, ao final de suas vidas, elas confessaram que nem a escrita era capaz de exprimir o que realmente desejavam. Na maior parte de suas obras estão presentes elementos que sugerem uma situação real e isso instiga o leitor a saber a causa do trágico desfecho das vidas das duas autoras. Assim é o caso de Florbela Espanca, poeta portuguesa que nasceu em 1894 e morreu por ingestão de remédios em 1930, e Sylvia Plath, escritora americana

que nasceu em 1932 e se asfixiou com gás em 1963. As duas deixaram marcas no processo literário de seu tempo, seja em Portugal, seja nos EUA.

É interessante notar que Sylvia Plath e Florbela Espanca fazem parte do "rol" de escritoras suicidas que foram reconhecidas postumamente. Assim, a morte desperta um certo interesse em suas obras, pois o leitor, a todo instante, procura associar a causa de seus suicídios com suas escritas. Falar dos textos de Sylvia Plath e Florbela Espanca a partir de suas possíveis marcas da morte é um dos perigos ao analisar a produção literária dessas escritoras. 🗨️

Por Isabella Pessoa
Mestranda em Literatura pela UFMG

Nádia Gotlib: *Clarice - Fotobiografia*

A magia que as fotografias têm sobre o imaginário humano é capaz de mover montanhas, causar estragos, contar histórias e provocar paixões. Foi assim com o poeta Ferreira Gullar quando viu pela primeira vez uma foto de Clarice Lispector em uma revista. Conservou-a com ele durante anos e quando conheceu a escritora pessoalmente declarou-lhe amor baseado em seus "olhos oblíquos" e no que diziam por trás deles, tudo que ele queria ouvir.

Diante de mil possibilidades, a autora Nádia Battella Gotlib resolveu contar a história da literatura por trás das fotografias colecionadas sobre a escritora Clarice Lispector. Assim nasceu o livro *Clarice - Fotobiografia*, lançado em 2008 e cada dia mais recente. Com mais de 800 imagens, grande parte delas sem o belo e enigmático rosto da escritora, as fotografias mostram lugares do mundo por onde ela passou, pessoas com as quais se relacionou, trechos de manuscritos, parentes e amigos dos muitos amigos.

Assim, cronologicamente, elas contam em pontos de luz, quase sem palavras, a trajetória dessa mulher que viveu uma intensa experiência em vida e legou para sempre uma obra orgânica, voraz e profunda. Pelas bem cuidadas 652 páginas do livro, transitam fo-

tografias conhecidas e diversas inéditas. Se passadas com rapidez, conseguiríamos quase ver um "filme" da vida de Clarice. Várias delas, declaradamente consentidas por ela aos amigos, alguns fotógrafos profissionais a imortalizaram em cenas de rara beleza.

Numa delas, na página 237, Clarice esconde o rosto com as



mãos premiando os observadores com mil possibilidades de imaginar o que esse gesto pode provocar. Da nobreza ao recato, esconder o rosto pode ser uma das metáforas da vida, que lhe reservou alegrias e amarguras. Fazer um exercício de tentar "ler" Clarice pelas inúmeras

fotografias é uma diversão e um aprendizado. Por que na maioria delas a escritora está de olhos postos no chão ou para o infinito? Não tentem achar respostas, ou façam mil delas. As fotografias são essas pérolas que tentam mostrar uma realidade ficcionada ao mesmo tempo que congelam esse mesmo tempo em um espaço registrando um momento mágico que nunca mais se repetirá. Essa a grande magia dessa arte precária, como já declararam alguns, mas que faz das fotografias uma máquina do tempo, única capaz de voltar a um passado que muitas vezes quer ser lembrado ou, quase sempre, esquecido. Daí as inúmeras possibilidades de reinvenção desse passado transportando-o para um futuro cheio de aventuras.

Fotografar é uma aventura a ser lembrada. Não lembrar Clarice é impossível e ela está cada vez mais pop. Legiões de fãs, adultos e na maioria jovens devoram seus textos porque sentem neles sentimentos comuns para ambos, escritora e leitores. Cheios de imagens, seus textos revelam as várias faces do ser humano e seus paradoxos. Clarice faz da literatura sua fonte de vida. A contracapa do livro é uma síntese do que é Clarice, porque ela nunca "foi" Clarice. Ela fala para ela e para todos nós. Tentem ler nas entrelinhas de suas fotografias e viajem com este raro livro. 📷

Por Vera Godoi
Fotógrafa

Zilah Corrêa de Araújo

Bárbara de Araújo, pseudônimo literário de Zilah Corrêa de Araújo, foi romancista, contista, jornalista e advogada. Atuava com afinco no meio intelectual mineiro. Irmã da poetisa, crítica e ensaísta Laís Corrêa de Araújo, Zilah nasceu em Campo Belo, Minas Gerais, em 1916, e fez seus primeiros estudos em São João del-Rei, mudando-se para Belo Horizonte, onde residiu até seu falecimento,

em 1975. Zilah iniciou sua carreira literária com publicações nos periódicos cariocas *A Cigarra* e *O Cruzeiro*. Neste último publicou, em folhetim, o romance *Uma flor sobre o muro*, editado posteriormente em livro, em abril de 1955. O livro foi vencedor do Prêmio Othon Linch Bezerra de Melo da Academia Brasileira de Letras, no mesmo ano. Reeditado em 1963, recebeu o Prêmio Cidade de Belo Horizonte.

Desde cedo inclinada à carreira das letras, publica, em seguida, os romances *Loja de ilusões* (Prêmio da ABL - 1955), de ambientação urbana, que aborda

diversos problemas sociais de modo sutil; *A flor do tempo* (Prêmio Cidade de Belo Horizonte - 1963); e *E oferecerás a tua outra face* (Prêmio da Academia Paulista de Letras - 1969, publicado somente em 1972). Infelizmente a obra da escritora não conta com uma reedição, sendo possível encontrar seus livros em sebos. Vale a pena conhecer essa escritora tão rica e ao mesmo tempo tão desconhecida por parte dos leitores. 📷

Por Maria do Rosário A. Pereira
Doutoranda em Literatura
Brasileira pela UFMG

Helena Jobim, a escritora bossa nova

Com aquele par de claríssimos olhos azuis, que logo os vi, Helena Isaura Brasileiro de Almeida Jobim, ou Helena Jobim como todos a conhecem, veio me receber na porta de sua casa. Simpática, gentil, tratou rapidamente de me abraçar e, como se já nos conhecessemos há tempos, levou-me até seu escritório para a nossa entrevista. Há 10 anos mora em Belo Horizonte, onde a escritora conseguiu finalizar a última revisão da biografia sobre o irmão famoso: Antonio Carlos Jobim, um homem iluminado. Premiada várias vezes, foi também cronista do jornal Estado de Minas e publicou mais de 11 títulos entre romances, poemas e letras de músicas, alguns ainda inéditos.

Quem é Helena Jobim?

Helena: Sou filha de Nilza Brasileiro de Almeida, educadora, e Jorge Jobim, professor, poeta, diplomata e irmã do compositor conhecido pela Bossa Nova, Tom Jobim. Nasci na cidade do Rio de Janeiro e casei-me cedo, aos 16 anos de idade. Tenho uma filha, Sonia Albano Feitosa, que me deu dois netos quando ainda tinha apenas 38 anos e atualmente tenho uma bisneta. Casei-me com Manoel Malaguti de Souza Domingues, que foi meu agente literário e promotor de eventos culturais até março de 2010 quando faleceu.

Quando surgiu a vontade de ser uma escritora?

Helena: Minha curiosidade pelo estudo das letras deve-se muito ao incentivo de meu avô Azor Brasileiro de Almeida, que também era professor e homem de muita cultura. Lembro-me bastante que ele tinha em casa uma enorme biblioteca, e sempre sugeria que eu lesse muito e escrevesse tudo que tinha vontade. Foi dele que recebi de presente o primeiro dicionário e a primeira máquina de escrever. Então, eu vivia em meio à cultura.

Quem mais te influenciou?

Helena: Além de tudo isso, a influência da professora Cleonice Berardinelli - profunda conhecedora e uma das maiores estudiosas da obra do poeta Fernando Pessoa - foi um dos principais motivos para que aflorasse em mim a escritora. Cleonice fazia questão de ler minhas redações em outras classes, como exemplo de como deveria ser uma verdadeira redação. Berardinelli

dizia sempre: "Você nasceu para escrever".

Quais foram suas primeiras letras?

Helena: Ainda jovem escrevi meus primeiros poemas e tentativas de romance. O primeiro livro, *A Chave do Poço do Abismo*, chegou a ser um dos finalistas de um prêmio na época. Frequentei o curso de Criatividade Literária da (PUC) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e tive como professores nada menos que Silviano Santiago e Affonso Romano de Sant'Anna. Estudei mais sete anos literatura brasileira e portuguesa com o professor Ivan Cavalcanti Proença.

Você já escreveu algum livro autobiográfico?

Helena: Sim e é o *Pressinto os anjos que me perseguem* (1º tomo da série *Bastidores da Criação*). Em 1992, depois de sofrer 17 fraturas em um grave acidente, fiquei entre a vida e a morte. Foram, aproximadamente, quatro meses vividos por momentos de grande sofrimento e aprendizagem, que me inspiraram posteriormente a descrever as experiências vividas durante a internação. As operações, a lenta recuperação, o eterno amor ao meu parceiro Manoel resultaram no relato de *Pressinto os anjos que me perseguem*.

Como foi a experiência de escrever um livro sobre Tom Jobim?

Helena: Um mês depois da morte de Tom, a editora Nova Fronteira me convidou para escrever um livro sobre meu irmão. Eu chorava muito e às vezes dava um tempo para não ser piegas demais naquilo que contava. Conhecia muito bem o Tom, éramos muito unidos.



Em 2009 fui convidada pelo cineasta Nelson Pereira dos Santos para falar das fases da vida de Tom no filme que ele fez sobre meu irmão e que deverá ser lançado este ano.

É difícil ser escritora no Brasil?

Helena: A arte de maneira geral no Brasil é muito difícil. E publicar livros não é diferente. Escrever é o mesmo que trabalhar numa empresa. Você tem que ter hora para aquilo, concentração, vocação e trabalho para fazer bem feito. É um exercício diário, suado. Eu sempre quis escrever. E o incentivo do meu marido sempre foi muito importante para a minha carreira. Ele sempre soube que isso é uma prioridade na minha vida. 🌸


...(Cadê Deus? Tenho quatro anos e Tom-Tom tem oito. Estamos sentados no banco do pequeno jardim na frente da casa da rua Constante Ramos. É de tarde, nossa mãe saiu e estou sentindo frio. Meu irmão tira a suéter e enrola em meus ombros. Depois diz: "Ouve só meu coração. Já viu como bate forte?" Encosto a cabeça em seu peito e escuto. "Pam-pam, pam-pam, pam-pam..." O coração de meu irmão bate bonito.)
(JOBIM, Antonio Carlos. *Um homem iluminado*, p. 271, 1996)

Viver na fronteira: a consciência da intelectual diaspórica em *Um defeito de cor*

A dissertação *Viver na fronteira: a consciência da intelectual diaspórica em Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, objetiva evidenciar a importância da figura da mulher como uma intelectual diaspórica nas sociedades para a relativização de conceitos ditos hegemônicos e de discursos utilizados para subjugar culturas.

O romance de metaficção historiográfica *Um defeito de cor* é um exemplo de obra que constrói tal personagem, pois como protagonista Kehinde, uma negra africana, escravizada no século XIX, que após comprar sua alforria, torna-se uma notória figura no percurso Brasil-África dessa época. Kehinde mostra como a perda pode ser um mote para uma série de reflexões sobre família, lugar e identidades que contribuem significativamente para a releitura dos conceitos de memória e história pre-

sentes nos debates atuais. A pesquisa aponta para a necessidade da escrita de uma outra história que seja capaz de trazer à tona conceitos e reflexões acerca da formação das identidades brasileiras a partir da ótica dos sujeitos diaspóricos. Esses sujeitos, ao questionarem a historiografia e proporem sua reescrita, poderão promover a descentralização dos discursos que fomentaram estereótipos e contribuiram para submeter culturas.

Se a história se modifica de acordo com o ângulo, com a perspectiva de quem lê ou escreve, a carta que narra a vida da mãe para o filho, que é o substrato do romance, promoverá uma reflexão acerca de acontecimentos históricos não historiográficos que se propõem como um importante elemento de relativização cultural. 

Por Cristiane Côrtes
Mestre em Literatura pela UFMG

EVENTOS DE 2010

* VI Colóquio Internacional de Estudos Lingüísticos e Literários - CIELLI na Universidade Estadual de Maringá (Maringá) de 9 a 11 de junho. www.cielli.com.br

* XXV Encontro da ANPOLL, na Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte) de 1 a 3 de julho. www.anpoll.org.br

* X Congresso Internacional da Brazilian Studies Association (BRASA) em Brasília de 22 a 24 de julho. www.brasa.org

* JALLA 2010, Jornadas Andinas de Literatura Latino Americana na Universidade Federal Fluminense (Niterói) de 2 a 6 de agosto.

* IX Fazendo Gênero na Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis) de 23 a 26 de agosto. www.fazendogenero9.ufsc.br

* IV Encontro de professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (Belo Horizonte) na PUC Minas e UFMG de 26 a 29 de outubro. www.pucminas.br/literaturas_africanas

Apoio:



União Produtora Ltda
Fazenda Engenho, s/n
Caixa Postal: 27 - Zona Rural
CNPJ: 08.175.256/0001-41
Inscrição Estadual:
001019597.00-39
CEI: 32.940.01594/78



Educação,
pesquisa e
consultoria



Mulheres em Letras:
antologia de escritoras mineiras. Constância Lima Duarte (organização). Florianópolis: Editora Mulheres, 2008. Preço: R\$ 38,00.

Recomendação:
www.editoramulheres.com.br



Escritoras brasileiras do século XIX-Vol. III, 2009, 1200 p. Zahidé Lupinacci Muzart (org.) Introd. Simone P. Schmidt. R\$ 120,00. Recomendação:
www.editoramulheres.com.br

Após dez anos da publicação do primeiro volume da série *Escritoras brasileiras do século XIX*, acaba de ser lançado o terceiro e último volume desta coleção, contendo estudos sobre a vida e obra de 55 escritoras nascidas entre 1880 e 1900. Com os volumes anteriores, é possível, agora, realizar o mapeamento da literatura produzida por mulheres em nosso país, no século XIX, bem como reescrever a história literária.



Preciosa, de Sapphire. Tradução de Alves Calado. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010, 194 páginas, R\$ 29,90.



Preciosa, primeiro romance da escritora negra norte-americana de nome Sapphire, de 1996, finalmente foi traduzido para o português. A partir de um ponto de vista feminino e negro, temos a trajetória dramática de uma menina - obesa, violentada pelo pai e estigmatizada na escola - que consegue superar as adversidades através da ajuda de uma professora e do relato lírico que faz da própria vida. Transformado recentemente em filme, "Preciosa" recebeu inúmeras indicações para o Oscar.